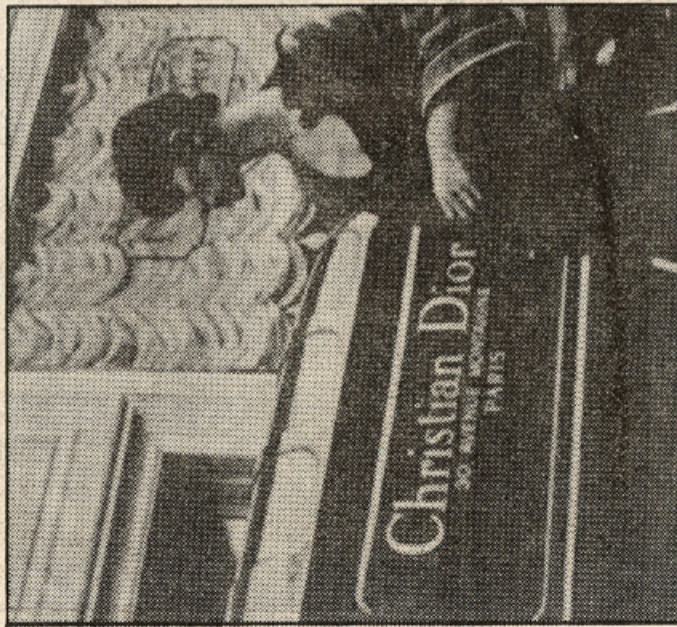


Turismo

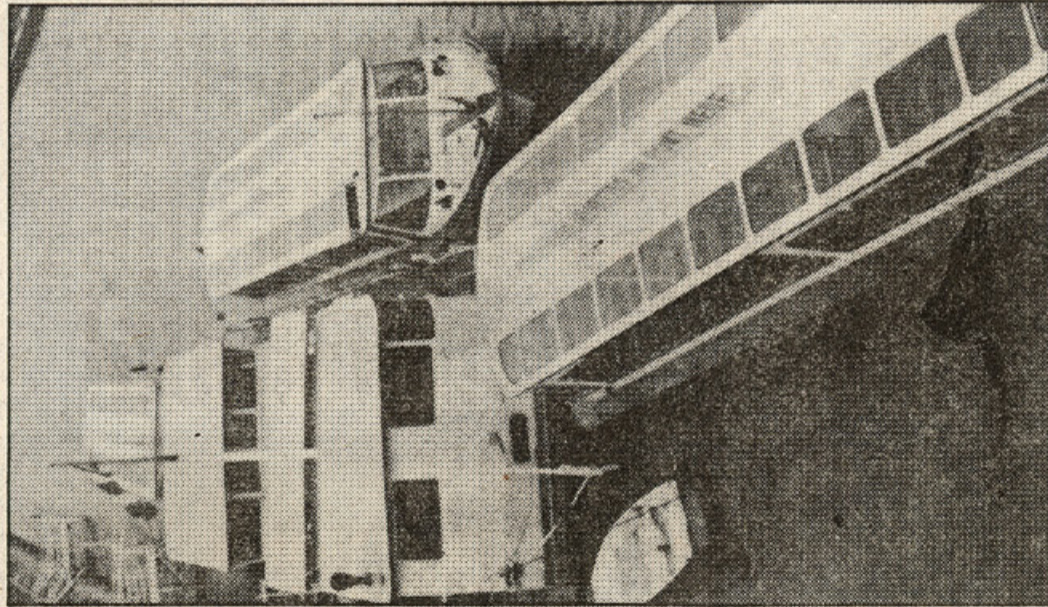


Avenida Montaigne, 1976

Paris, segundo Júlio Cortazar

O escritor argentino Júlio Cortazar viveu em Paris até sua morte, em 1984. Pouco antes, ele escreveu um longo texto sobre a cidade para o livro do fotógrafo brasileiro Alcécio Andrade, *Paris ou la vocation de l'image*. Estes são alguns trechos do livro:

A partir de si mesmo, na praça da Concorde, na Belleville, o visitante tenta falar com os amigos num bar de Clichy, com a cidade lhe saltando à vista como um gato sobre outro gato, a cidade falsamente imóvel vindo em direção a ele, o invadindo bem no centro de suas fantasias (...) com os gritos de um vendedor de bilhetes de loteria à entrada da Galeria du Désir (...) a cidade visitando-o à sua maneira, se prendendo à sua memória para abandoná-la no mesmo instante, como quem olha uma foto antes de passar à seguinte. (...)



Bateaux-mouches do Sena

Quantas vezes não desejei respirar outra vez este perfume que certa manhã me envolveu de amarelo e de delícias enquanto eu descia os degraus que levam ao Sena, do lado de Notre Dame. (...) Eu sei que chegará o dia em que eu estarei longe, em viagem ou sentido escrevendo num café de Passy e voltará então a imagem e sua garra lenta e amarela envolvendo coisitas e tempo. (...) Este lugar perto do Parque Montsouris simplesmente sentido de passagem, esta boutique da rua Papin onde uma mulher, as costas dobradas na penumbra, acariciava lentamente alguma coisa perto de sua saia, um cão ou uma criança, e tudo era ao mesmo tempo apelo e rejeição e nós não fomos capazes de empurrar a porta de vidro, de entrar e de entender o que talvez nos teria dado as chaves de tantos sonhos truncados. (...)

Basta ter desejado reviver uma noite de Baudelaire na ilha, de Saint-Louis para que a persistência de um passado que escapa as pessoas que



Jardim das Tulherias, foto de Alcécio Andrade para o livro Paris

dormem ressurja das pedras e dos cais e teça a trama de uma outra noite, de um amanhecer diferente. Num certo momento os passos soarão diferentes sobre o chão, o vinho que bebemos fará uma outra alquimia em nosso sangue. (...)

Rapidamente a cidade sai da festa luminosa de Montparnasse, na estação terminal do metrô da meia-noite, nas ruas onde os passos se fazem de feltro e onde há ninguém, ninguém, para provar que não há ninguém.

Cada cidade inventa seu vocabulário, inventa palavras que não têm valor senão para ela mesma, nela. Com o tempo, ela acaba por assumir uma voz que lhe é própria e que, pouco a pouco, o viajante reconhecerá nas vozes múltiplas da rua, do café, das canções, do convite galante, da discussão e da rava e da ternura, dos bons-dias e dos adeuses.

Impossível passar por Belleville, pela rua do Chateau-d'Eau ou pelo Quai de Bercy, impossível entrar ao Bazar do Hotel de Ville sem que, num certo momento, comece a flutuar no ar uma das inúmeras canções da cidade que um menino assoviará, enquanto que tudo parecerá, no espaço de um instante, se cristalizar, as coisas e os rostos e as roupas e os ruídos que subitamente se fixam em sua unidade profunda. (...)

Ao mesmo tempo tímido e exaltado, o viajante penetra na cidade com um passo de gato em território estranho. Gato de si mesmo, cheio de desejo de aventura pelo lugar onde tudo é novo, tudo é outro. Alguns encontrarão logo um casamento de conveniência, outros escolherão a amante incerta que marca encontro nas pontes e chega tão tarde que é preciso levantar o colarinho e acender, com esperança nova, o cigarro da frustração. (...)

Talvez o viajante descubra então que a cidade espera que ele olhe não apenas de fora, mas para o alto e o interior, que ele descubra como os rúdo-chão tão anônimos, depois de tantas estúpidas reformas municipais, se protegem no alto em fachadas que conservaram sua história, seus balcões,

suas cornichas (...) Olhar, em Paris, é uma empreitada de longo fôlego. (...) Este viajante andará pela cidade dias e anos a fio sem tomar conhecimento em que dia ou ano a realidade ao redor mudou de signo, nem em que momento a cidade, por tanto tempo sulcada por ele, passou a sulcá-lo, a percorrê-lo como antes ele a percorria.

Esta hora chegará fora de qualquer tempo perceptível, onde como em um álbum de fotografias — que bem poderia ser este aqui — o jogo de cartas infinito da cidade se abrirá nas mãos daquele que as conheceu uma por uma. (...) A cidade sabe então que ela pode se dar ao viajante, aquele que a procurou livremente: dupla aceitação e pacto único que une a liberdade — o único amor verdadeiro. (...)

Esta cidade, enfim, não se deixa apreender senão pelo ritmo, por esta lenta acumulação de proporções e de perspectivas que a mapeiam pouco a pouco na memória do viajante e que, num dado momento, se fixará para sempre em uma imagem definitiva. (...)

A cidade tem uma outra imagem secreta que não nos será revelada senão em troca de uma fidelidade tenaz (...) Uma noite, ela penetrará em nossos sonhos, se tornará presente em sua moldura momentânea ou obsessiva (...) e dará o que já foi dado ou inventará o que talvez existe sem que nós soubéssemos nem pudessemos jamais situá-lo: um parque com um lago oblongo, um café onde se joga sinuca sob luzes alaranjadas, ou uma interminável seqüência de corredores debruçados sobre um outro tempo e um outro lugar. (...) E das pessoas da cidade nós pouco falamos, isto não é necessário: Alcécio Andrade faz isso muito melhor que as palavras.

Fotos do livro de Alcécio Andrade *Paris ou la vocation de l'image* com texto de Júlio Cortazar à venda sob encomenda na Livraria Leonardo da Vinci (Avenida Rio Branco, 185 subsolo).